

**LE FABULEUX DESTIN D'AMÉLIE POULAIN:
UM BOSQUE NO QUAL QUEREMOS PERMANECER**

Denise Aparecida da SILVA
Orientadora: Profa. Dra. Viviane Veras

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo a análise do filme *Le fabuleux destin d'Amélie Poulain* (2002) de Jean-Pierre Jeunet a partir de conceitos relacionados com o funcionamento da obra ficcional apresentados por Umberto Eco em *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Mais especificamente, o objetivo é apresentar o mundo ficcional de Amélie, fazer a relação deste com o mundo real e mostrar a importância da noção de suspensão da descrença (conceito nomeado por Coleridge e, posteriormente, abordado por Eco) para a consolidação do mundo ficcional.

Palavras-chave: Interpretação; suspensão da descrença; Amélie Poulain; mundo ficcional.

A ARTE PARA NÃO MORRER DA VERDADE¹

Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana.

ECO, 2006, p.93.

A arte, em suas diversas formas de manifestação, tem como objetivo dar sentido à vida humana, elevar nosso espírito e nossa mente a fim de nos convencer a continuar vivendo. Pois se vivêssemos apenas da verdade nua e crua, sem termos, pelo menos, um pouco de ficção, provavelmente não aguentaríamos o peso da vida real cheia de problemas, misérias, injustiças e tristezas. Sem a ficção, não acalantaríamos nossos maiores anseios de sabermos, por exemplo, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”, “Por que vivemos?”. Sabemos que a vida não é fácil de viver, mas temos a arte para nos encontrarmos e, assim, significarmos a vida e a nós mesmos como literatura.

Nessa grande tarefa, que cabe a nós que vivemos, todas as artes são importantes, todavia, pretendo me demorar, neste trabalho, na arte cinematográfica, que nasce com as imagens em movimento, distinguindo-se de formas de arte como a fotografia, a música, o teatro, a pintura, entre outras – embora mantenha laços com todas elas. Essa arte, por

1. Adaptação da frase de Nietzsche: “Temos a arte para não morrer da verdade” (NIETZSCHE, 2008, p.289).

meio da *mimesis* da existência “nos encerra nas fronteiras de seu mundo e, de uma forma ou de outra, nos faz levá-la a sério.” (ECO, 2006, p.84). Toda a emoção presente no filme nos envolve e nos transporta para seu próprio mundo. Aceitamos tudo como se fosse real, pois obedecemos a uma norma básica, a um acordo ficcional, que o poeta Coleridge chamou de “suspensão da descrença”, um acordo segundo o qual “o autor simplesmente *finje* dizer a verdade (...) e *fingimos* que o que é narrado de fato aconteceu.” (ECO, 2006, p.81). Assim, com a adesão à suspensão da descrença, ao assistirmos a um filme, vivemos, por alguns instantes, dentro de um mundo ficcional, mesmo sabendo que esse mundo sempre terá como pano de fundo o mundo que consideramos real, uma vez que, sem este, o mundo ficcional jamais existiria, pois “até com o mais impossível dos mundos contamos com o nosso conhecimento do mundo real” (ECO, 2006, p.89).

Tendo como base alguns conceitos de Umberto Eco, apresentados em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, entro no filme *Le fabuleux destin d'Amélie Poulain* (2002) de Jean-Pierre Jeunet, para apresentar o mundo ficcional de Amélie, fazer a relação deste com o mundo que se apresenta como real e mostrar a importância da noção de suspensão da descrença para a consolidação do mundo ficcional.

O MUNDO DE AMÉLIE POULAIN

O mundo ficcional, por mais absurdo que seja, sempre terá, em sua construção, o mundo real como pano de fundo, e “isso significa que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real. Não existe nenhuma regra relativa ao número de elementos ficcionais aceitáveis numa obra.” (ECO, 2006, p.89). Todavia, os mundos ficcionais, sendo parasitas do mundo real, são limitados e podem ser classificados como “pequenos mundos que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real e permitem que nos concentremos num mundo finito, fechado, muito semelhante ao nosso, embora ontologicamente mais pobre.” (ECO, 2006, p.91).

Essas definições de Umberto Eco se aplicam ao mundo ficcional construído em *Le fabuleux destin d'Amélie Poulain*, entretanto, esse mundo apresenta uma particularidade. A partir do mundo ficcional criado como base do filme, Amélie Poulain, a personagem principal, cria seu próprio mundo com suas particularidades.

Por ter passado a sua infância inteira sem amigos devido a um errôneo diagnóstico de doença cardíaca, Amélie Poulain acaba vivendo sozinha e inventando seu próprio mundo no qual encontra refúgio. Nesse mundo, há alguns elementos ficcionais mais acentuados e que, em nossa vida cotidiana, podemos considerar absurdos: a) os discos de vinil são feitos como panquecas; b) a mulher do vizinho, em coma, resolveu dormir de uma vez só todo o sono de sua vida.



a)

Discos de vinil feitos como panquecas (6min 7seg)



b)

Vizinha em coma (6min 10seg)

Em seu mundo ficcional, Amélie cultiva também um gosto particular pelos pequenos prazeres e desprazeres da vida. E ela gosta de, no cinema, virar no escuro e observar o rosto dos outros; procurar detalhes que ninguém vê nos filmes; mas não gosta quando, no filme, o motorista não olha para a estrada. Gosta também de colocar a mão bem fundo no saco de cereais; quebrar a cobertura do crême brûlée com a colher, jogar pedras no Canal Saint Martin e se divertir com algumas perguntas.

Entre essas excentricidades inofensivas, Amélie também cultiva, quando necessário, o prazer das pequenas vinganças: a) vingá-se de seu vizinho, que a convence de que era ela quem causava as tragédias acontecidas no mundo – ao descobrir que foi enganada, sobe no telhado e, quando o vizinho está assistindo ao jogo, desconecta e conecta o cabo da antena, deixando-o furioso; b) vingá-se de Collignon por ele ter humilhado seu funcionário, Lucien, na frente de todos – Amélie entra na casa de Collignon e faz diversas alterações que o deixam muito confuso. Há, nessa última vingança, uma alusão ao personagem Zorro, como se Amélie fosse uma justiceira dos oprimidos que ataca seus adversários através dos pequenos desprazeres da vida.

a)



Vingança contra o vizinho (8min 46seg)

b)



Vingança contra Collignon, colocando algo em sua bebida (56min 06seg)



Alusão a Zorro, como defensora dos oprimidos (56min 36seg)

O pequeno mundo da protagonista começa a mudar quando encontra, em seu apartamento, uma antiga caixa cheia de objetos infantis e decide entregá-la ao dono. A

experiência de viver essa emoção do dono da caixa, leva Amélie a decidir que sua missão, agora, é ajudar quantas pessoas for possível.

Começa, então, a modificar a vida das pessoas: a) Através de uma carta falsificada por Amélie, ajuda sua vizinha que achava que o marido morreria sem amá-la. b) Com a intenção de convencer seu pai a viajar pelo mundo, algo que sempre quis fazer e nunca fez, pede a uma amiga, comissária de bordo, que leve o anão de jardim da casa de seu pai para vários países e tire fotos do anão nesses vários cenários. Com essas fotos sendo enviadas à casa de seu pai, ele se assusta, mas acaba por se convencer de que deve viajar pelo mundo. c) Ameniza o incômodo da perseguição de um cliente e ex-namorado de uma colega de trabalho, fazendo que se interesse por outra funcionária do café onde trabalha, e com a qual também seja feliz e realizado. d) Por fim, acalenta a vida de seu vizinho que tem ‘ossos de vidro’ e não pode sair de casa, através de várias fitas com gravações de programas da televisão.

E a bagunça na vida de Amélie, quem vai arrumar? Amélie nunca conseguiu ter um namorado. No decorrer do filme, ela se interessa por Nino, alguém que também cultiva hábitos e prazeres estranhos como, por exemplo, o hábito de colecionar fotos 3x4 descartadas. Nino perde, na estação de trem, a pasta contendo sua coleção, Amélie a encontra e tem uma nova missão: entregar a pasta e, assim, conseguir expressar a Nino sua paixão secreta. Consegue entregá-la (de um modo peculiar, em um parque, por meio de pistas que o levam a encontrar a coleção sem que consiga ver Amélie) e marca um encontro no café no qual ela trabalha. Todavia, não consegue sequer falar com Nino, fica com medo de enfrentar a realidade e de, desse modo, ter que abandonar seu mundo de fantasias. Quando Amélie já havia desistido, sentindo que nunca conseguiria expressar seus sentimentos, Nino vai procurá-la no café e, não a encontrando, conversa com outra funcionária que concorda em ajudá-lo a conversar com Amélie.

No final, como em um conto de fadas, não só essa funcionária, mas também outras pessoas cuja vida fora mudada por Amélie ajudam-na, de várias formas, a conseguir ter um final feliz com seu “príncipe encantado”. E, realmente, o final é feliz. Todos os pequenos problemas das vidas dos outros foram resolvidos e a pequena Amélie Poulain conseguiu revolver o seu maior problema, a solidão; tendo, assim, um companheiro para compartilhar todas as particularidades e fantasias de seu mundo ficcional.

Pode-se perceber que Amélie, ao criar seu próprio mundo dentro de sua cabeça e dentro de sua casa, vive entre o sonho e a realidade. No decorrer do filme, a protagonista tenta levar um pouco da magia de seu mundo para os outros, mas acaba, por fim, perdendo um pouco de sua magia, quando se apaixona e não consegue se expressar. Pode-se perceber também que Nino, entre todos os personagens, era o único digno de entrar no mundo de

Amélie, pois esse é também um personagem ‘mágico’: coleciona risadas excêntricas e fotos descartadas, fala com fotografias, trabalha em uma sexy shop, entre outras coisas.

SUSPENSÃO DA DESCRENÇA

Le fabuleux destin d'Amélie Poulain não começa com “era uma vez”, mas poderia, visto que essa expressão, comumente, inicia contos de fadas e fábulas; e esse filme possui um forte tom de fábula. O leitor-modelo (leitor este que deve seguir as regras do contexto em que se insere a proposta do autor), ao assisti-lo, deve estar disposto a suspender a descrença, pois deve ser “uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável” (ECO, 2006, p.15). Mesmo que o enredo não seja tão inverossímil, necessita-se dessa disposição, em alguns momentos da história, momentos esses que serão abordados mais para a frente.

Antes, vamos nos aprofundar na “suspensão da descrença”. Esse conceito aparece como “suspension of disbelief” na *Biografia Literária* de Coleridge, na qual o autor afirma que, na construção de personagens sobrenaturais, os elementos desse mundo ficcional devem ter aparência de verdade para que, assim, o interesse do leitor seja despertado e se consiga, voluntariamente, a suspensão da descrença:

Quando se concordou que meus esforços se voltariam para pessoas e caracteres sobrenaturais, ou pelo menos românticos, de modo a transferir de nossa natureza interior um interesse humano e uma verossimilhança, a fim de garantir, para o momento, a essas sombras da imaginação, aquela suspensão voluntária da incredulidade², que constitui a fé poética. (COLERIDGE, 1995, p.151)

Já que essa suspensão é voluntária, cabe ao autor a responsabilidade de criar mundos ficcionais que não se auto-invalidem, ou seja, não rompam sua própria lógica, despertando no leitor a voluntariedade de suspensão da descrença. Ao não romper com suas próprias regras, o autor acaba por transformar o impossível em algo que pode ser aceito como (mais ou menos) normal, persuadindo-nos a acreditar no que ele nos diz. Essa persuasão depende da verossimilhança com a qual o autor nos apresentará os elementos ficcionais, já que:

falar-se-á da verossimilhança de uma obra na medida em que esta tenta nos fazer crer que ela se conforma ao real e não a suas próprias leis; ou seja, o verossímil é a máscara com que se disfarçam as leis do texto, e que deveríamos entender como uma relação com a realidade. (TODOROV, 2003, p.116)

2. Nessa tradução de Paulo Vizioli, o termo original “suspension of disbelief” foi traduzido como “suspensão da incredulidade.

E para que o mundo particular de Amélie consiga ser consolidado, são necessárias algumas suspensões da descrença por parte dos leitores-modelo. Ou seja, o espectador deve aceitar tacitamente o acordo ficcional já explicitado, fingindo que o que é narrado pelo autor é verdade dentro do mundo ficcional que ele construiu e no qual o leitor está inserido.

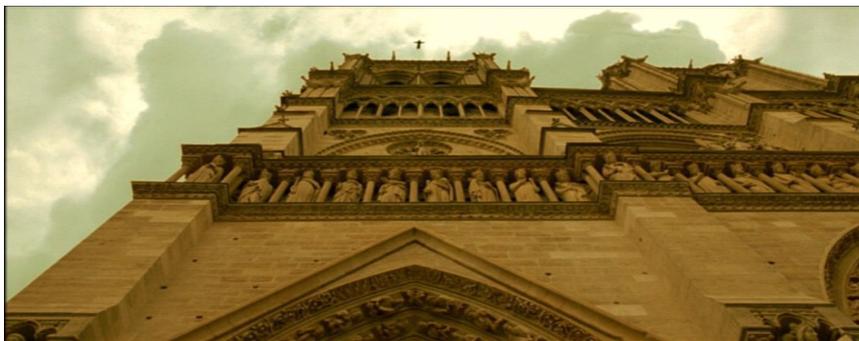
Há alguns momentos em que essa suspensão é mais requerida:

1) Amélie, quando pequena, tinha apenas um amigo, seu peixe Cachalote. Por causa do ambiente familiar no qual vivia, o peixe tornou-se neurastênico e suicida. A cena pede, então, que se suspenda a descrença e acredite que um peixe absorve os sentimentos ruins transmitidos dentro do ambiente familiar e, também, que são tendências suicidas que o levam a pular para fora do aquário.



Cachalote se debatendo após pular do aquário (6min 33seg)

2) Na saída da igreja, a mãe de Amélie, Amandine Poulain, morre ao ser atingida pelo corpo de Marguerite Bouchard, uma turista do Quebec que havia decidido a acabar com a própria vida se jogando do telhado dessa igreja. A suspensão da descrença, neste caso, não diz respeito a algo impossível, e, sim, a algo muito raro de acontecer: que alguém morra atingida pelo corpo de um suicida. E mais, Amélie, que estava ao lado, nem ao menos se fere. Creio que esse acontecimento se deve ao fato de que, em um filme com acontecimentos e personagens tão peculiares, não poderia haver uma morte que não fosse também excêntrica.



Marguerite Bouchard se jogando de cima da igreja (9min 35seg)



Amandine Poulain gritando ao perceber que o corpo da turista cairá em cima dela (9min 36seg)

3) Em um determinado momento do filme, quando Amélie dorme, os animais pintados nas telas de seu quarto e o porco, abajur do criado-mudo, começam a conversar entre si, debatendo sobre a possível paixão de Amélie. Deve-se, para acompanhar a magia do filme, suspender a descrença e acreditar que os animais inanimados da casa conversam e se preocupam com o destino de sua dona.



(58min 49min)



Animais pintados em telas e abajur conversam sobre Amélie (58min 46seg)

4) Quando está quase dormindo, Nino é acordado por uma sequência de fotos que Amélie havia entregado a ele antes de entregar sua coleção completa. Inicia-se, então, um diálogo entre as fotos, e Nino sobre o porquê de Amélie ainda não ter devolvido a pasta com a coleção completa. A sequência de fotos revela que ela está apaixonada e que Nino já a conhece de seus sonhos. Desse modo, há que se suspender a descrença de que objetos inanimados – considerando que o filme não é uma “animação” – não falam, já que é através dessa conversa impossível que Nino descobre as reais intenções de Amélie.



Sequência de fotos conversando (1h 12min 9seg)

5) Em dois momentos do filme, Amélie vê fatos de sua vida sendo transmitidos ou comentados no canal de tevê ao qual está assistindo. No primeiro momento, é mostrada Amélie como a “Madona dos infelizes”, a “Madrinha dos enfeitados”, que ajuda a amenizar todo o sofrimento universal. É comparada com Dom Quixote, só que, no caso, Amélie não atacou os moinhos de vento, mas, sim, os moinhos implacáveis das aflições humanas. A imagem na tevê não mostra apenas o lado positivo, também mostra que a moça está cansada de todo o sofrimento. Ao assistir a essa reportagem, Amélie chora

muito. Já no segundo momento, aparecem dois homens comentando que ela tem o direito de continuar vivendo nos sonhos, ser uma garota introvertida e acabar estragando a própria vida. Nesses dois acontecimentos, deve-se suspender a descrença para que se consiga interpretar melhor essa exteriorização e esse engrandecimento de todo o sentimento que, na verdade, está se passando dentro de Amélie.



Amélie auxiliando um senhor durante o inverno na Suíça (39min 31seg)



Dois homens comentando sobre as escolhas da protagonista (1h 39min 44seg)

6) Ao ver Collignon humilhando Lucien, Amélie, envergonhada, não consegue pensar em nada para falar e defender o funcionário. Eis que surge um homem, no bueiro da rua, que sussurra a frase “E você nem legume é, porque até as alcachofras têm coração”; Amélie repete a frase e todos os presentes riem do trocadilho (corações de alcachofras). O homem no bueiro remete ao ponto no teatro, que sopra as falas quando os atores em cena esquecem. Amélie está no palco da vida...



E você nem legume é...

Homem sussurrando de dentro do bueiro (1h 20min 30seg)

7) Após Nino aparecer no café no qual Amélie trabalha e ela não conseguir falar nada, de tanta decepção, a protagonista derrete até virar uma poça d'água despejada no chão. Esse efeito cinematográfico é uma metáfora de toda a decepção que Amélie está sentindo dentro dela e, com a suspensão, intensifica-se esse sentimento.



Amélie derretendo (1h 38min 56seg)



Poça d'água que a protagonista se tornou (1h 38min 57 seg)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quase sempre, não somos nós que “decidimos entrar num mundo ficcional; de repente nos vemos dentro desse mundo.” (ECO, 2006, p. 131) e, ao nos envolvermos com esse mundo, se bem construído, temos a voluntariedade de suspender a descrença e acreditar em tudo o que nos é mostrado. Depois de passar muito tempo nesse mundo, e “misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está.” (ECO, 2006, p.131). Só depois de algum tempo, conseguindo discernir o real do ficcional, “concluimos que o que está ocorrendo é um sonho”. (ECO, 2006, p.131).

Le fabuleux destin d’Amélie Poulain, talvez, não nos ajude a responder a nossas perguntas existenciais, mas nos proporciona a sensação de que ainda nos resta a esperança. Esperança de que os pequenos gestos altruístas consigam mudar as vidas das pessoas; esperança de que as pessoas ainda tenham a necessidade de ajudar aos outros para se sentirem bem; esperança de que, mesmo com muitos fracassos, o verdadeiro amor pode ser encontrado; esperança de sentir para sempre esse sentimento de esperança para que ele consiga nos mover.

Todos esses sentimentos nos fazem querer permanecer nesse bosque e usufruir de todo o encanto presente nele, como Umberto Eco quis continuar em seu bosque estrelado. “Mas, como a vida é cruel, para vocês e para mim, aqui estou” (ECO, 2006, p.147); aqui estamos, buscando sempre mais um bosque que nos dê, não só esperança, mas também “uma fórmula para dar sentido a nossa existência.” (ECO, 2006, p. 145). já que, na ficção, muitas vezes, o mundo nos é apresentado como todos gostaríamos que ele fosse e, por ser mais confortável, preferimos esse mundo à vida; não cessando, assim, de procurar novos bosques para neles permanecer por alguns instantes.

REFERÊNCIAS

COLERIDGE, S. T. (199). Poemas e excertos da Biografia Literária. Trad.: Paulo Vizioli, Ed. Nova Alexandria, SP.

ECO, U. (2006). Seis passeios pelos bosques da ficção. Trad.: Hildegard Feist, Ed. Schwarcz, SP.

Le Fabuleux Destin D’Amélie Poulain. (2001). Direção: Jean-Pierre Jeunet. Produção: Helmut Breuer; Jean-Marc Deschamps; Arne Meerkamp van Embden e Claudie Ossard. Intérpretes: Audrey Tautou; Mathieu Kassovitz; Rufus; Lorella Cravotta; Serge Merlin; Jamel Debbouze e outros. Roteiro: Guillaume Laurant; Jean-Pierre Jeunet e Guillaume Laurant. [S.I.]: Claudie Ossard Productions; Union Générale Cinématographique; Victories Productions; Tapioca Films; France 3 Cinéma; MMC Independent; Sofica Sofinerjie 5; Filmstiftund Nordrhein-Westfalen e Canal +. Ibobina cinematográfica (122min), son. color., 35mm.

NIETZSCHE, F. (2008). A vontade de poder. Trad.: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes, Ed. Contraponto, RJ.

TODOROV, T. (2003). “Introdução ao verossímil”. In: Poética da Prosa. Trad.: Claudia Berliner, Ed. Martins Fontes, SP.